

PONTIFÍCIA UNIÃO MISSIONÁRIA
OUTUBRO 2021
(consagrados)

É IMPOSSÍVEL QUE UM RELIGIOSO OU UMA RELIGIOSA
POSSA AMAR A JESUS CRISTO
E NÃO SEJA APAIXONADO PELA MISSÃO!
(Beato Paolo Manna)

A dimensão missionária da vida consagrada

Do Evangelho segundo São Mateus:

«Então os justos responder-lhe-ão: “Senhor, quando é que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando é que te vimos como um estrangeiro e te acolhemos, ou nu e te vestimos? Quando é que te vimos doente ou na prisão e viemos visitar-te?” E o rei dir-lhes-á: “Em verdade vos digo que tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, fizestes a mim.” [...] Então também eles responderão: “Senhor, quando é que te vimos com fome ou sede, estrangeiro, nú ou doente, ou na prisão, e não te servimos?” Então dir-lhes-á: “Em verdade vos digo, o que quer que não tenhais feito a um destes últimos, a mim não o fizestes. E eles irão, estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna”». (Mt 25:37-40, 44-46).

Dos documentos da Igreja:

«Procurem os religiosos com empenho que, por seu intermédio, a Igreja revele cada vez mais Cristo aos fiéis e infieis».

(CONC. VAT. II, Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n. 46)

«Os Institutos religiosos de vida contemplativa e activa tiveram até agora e continuam a ter a maior parte na evangelização do mundo. O sagrado Concílio reconhece gostosamente os seus méritos e dá graças a Deus por tantos esforços prestados à causa da glória de Deus e do serviço das almas e exorta-os a prosseguir incansavelmente na obra começada, sabendo, como sabem, que a virtude da caridade, que por vocação têm de cultivar com mais perfeição, impele e obriga a um espírito e a um trabalho verdadeiramente católicos (cf. Conc. Vat. II, Const. dogm. Sobre a Igreja, *Lumen gentium*, n. 44).

Os Institutos de vida contemplativa, pelas suas orações, penitências e tribulações, têm uma importância máxima na conversão das almas, visto que é Deus quem pelas nossas orações envia operários para a Sua messe (cf. Mt. 9,38), abre as almas dos não-cristãos para ouvir o Evangelho (cf. Act. 16,14), e fecunda nos seus corações a palavra da salvação (cf. 1 Cor. 3,7). Pede-se até a esses Institutos que fundem casas nas terras de missão como já bastantes fizeram, para que, levando aí uma vida acomodada às genuínas tradições religiosas dos povos, dêem entre os não-cristãos um testemunho brilhante tanto da majestade e da caridade de Deus como da sua união em Cristo.

Por seu lado, os Institutos de vida activa, quer tenham um fim estritamente missionário quer não, examinem sinceramente diante de Deus se podem alargar mais a sua actividade em ordem à expansão do reino de Deus entre os gentios; se podem deixar a outros, certos ministérios, para dedicar às missões as suas forças; se podem começar a ter actividades nas missões, adaptando, se for preciso, as suas Constituições, embora segundo a mente do fundador; se os seus membros participam quanto podem na

actividade missionária; se o seu modo de viver é um testemunho do Evangelho adaptado à índole e às condições do povo.

Uma vez que, sob a inspiração do Espírito Santo, crescem de dia para dia na Igreja os Institutos seculares, a sua ajuda, sob a autoridade do Bispo, pode ser a muitos títulos proveitosa para as missões, como sinal dum entrega plena à evangelização do mundo».

(CONC. VAT. II, Decreto sobre a atividade missionária da igreja, *Ad Gentes*, n. 40)

«Os religiosos, por sua vez, têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças. Eles são, enfim, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos».

(PAULO VI, Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, n.69)

«Na inexaurível e multiforme riqueza do Espírito, se situam as vocações dos Institutos de vida consagrada, cujos membros “desde o momento em que se dedicam ao serviço da Igreja, por força da sua consagração, ficam obrigados a prestar o seu serviço especialmente na acção missionária, dentro do estilo próprio do Instituto”».

(JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio*, n. 69)

«A missionariedade está inscrita no coração mesmo de toda a forma de vida consagrada. Na medida em que o consagrado vive uma vida dedicada exclusivamente ao Pai (cf. Lc 2,49; Jo 4,34), cativada por Cristo (cf. Jo 15,16; Gal 1,15-16), animada pelo Espírito Santo (cf. Lc 24,49; Act 1,8; 2,4), ele coopera eficazmente para a missão do Senhor Jesus (cf. Jo 20,21), contribuindo de modo particularmente profundo para a renovação do mundo».

(JOÃO PAULO II Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Vita Consecrata*, 25)

«Quem ama a Deus, Pai de todos, não pode deixar de amar os seus semelhantes, nos quais reconhece igualmente seus irmãos e irmãs. Por isso mesmo, não pode ficar indiferente face à constatação de que muitos deles não conhecem a plena manifestação do amor de Deus em Cristo. [...] É um ardor sentido sobretudo pelos membros dos Institutos, tanto de vida contemplativa como activa».

(JOÃO PAULO II Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Vita Consecrata*, 77)

Dos escritos do Beato Paolo Manna:

«Este zelo pela saúde dos não-cristãos deve fazer parte da vida de cada alma consagrada que ama Jesus Cristo».

(P. MANNA *Donne senza paura*, Nápoles 1977, p. 8)

«Oh Irmãs, as almas consagradas a Jesus Cristo, são todas missionárias pela própria natureza da sua vocação! E elas entendem bem a sua vocação, toda feita de amor e sacrifício, e correspondem-lhe fielmente»!

(P. MANNA, *Donne senza paura*, Nápoles 1977, p. 7)

«Trabalhais na obscuridade, mas devido ao vosso trabalho, abençoado por Deus, a ideia [de missão] percorre um longo caminho e, por caminhos para nós desconhecidos, o Reino de Nosso Senhor avança, as vocações multiplicam-se e as almas são salvas».

(P. MANNA, *Donne senza paura*, Nápoles 1977, p. 14)

As pessoas consagradas dedicaram toda a sua vida ao divino Mestre a quem chamam esposo das suas almas, e continuam a fazer-lhe grandes promessas de amor e obediência. Assim, não podem permanecer indiferentes e não fazer nada pela salvação de milhões de almas de pobres infieis, pelas quais Jesus também derramou o seu precioso sangue.

(Cf. P. MANNA, *La conversione del mondo infedele*, Milão 1920, p. 230)

«Nem todas as religiosas, porém, podem e devem tornar-se Missionárias, [no sentido de ir para países de missão], [...] mas todas devem ser no desejo, na disposição, na vontade».

(P. MANNA, *Donne senza paura*, Nápoles 1977, p. 7-8)

Perguntas para reflexão:

- Como é que promovo a ideia missionária na minha comunidade, apostolado, trabalho?
- Quando foi a última vez que rezei pelas missões, pelos missionários, pelas vocações missionárias?
- Como posso viver a minha vocação missionária e cuidar das missões no âmbito do carisma da minha Congregação?
- O que posso fazer pela obra missionária da Igreja no âmbito do carisma da minha Congregação?

ORAÇÃO

Olhai, Senhor, para estes vossos filhos, sacerdotes, irmãos e leigos, que deixam tudo para dar testemunho da vossa palavra e do vosso coração.

Seja para cada um deles «o poderoso protector, a forte guarda, o abrigo contra o calor, o refúgio contra o sol do meio-dia, a ajuda para não tropeçar, o sustento na queda».

Amparai-os em tempos difíceis; sustentai as suas forças, consolai os seus corações, coroai o seu trabalho com realizações espirituais. Eles não procuram o sucesso humano, ou bens transitórios: mas apenas o vosso triunfo e o bem das almas.

Que a vossa imagem crucificada, que os acompanhará ao longo da vida, lhes fale de heroísmo, abnegação, amor e paz: que seja para eles conforto e guia, luz e força, para que, através deles, o vosso Nome bendito se espalhe cada vez mais pelo mundo, e eles, rodeados por um número cada vez maior dos vossos filhos e filhas, vos cantem o hino de gratidão, glória e redenção.

(Entrega do Crucifixo a 510 Missionários e Missionárias, *Homilia do Santo Padre João XXIII*,
Basilica Vaticana, domingo, 11 de outubro de 1959)